

a intrusa

Izabela Leal

a intrusa

G a r a m o n d

Copyright © 2016, Izabela Leal

Direitos cedidos para esta edição à
Editora Garamond Ltda.
Rua Cândido de Oliveira, 43/101 - Rio Comprido
Rio de Janeiro – Brasil Cep: 20.261-115
Telefax: (21) 2504-9211
editora@garamond.com.br
www.garamond.com.br

Este livro foi laureado com o primeiro lugar no PRÊMIO RIO DE LITERATURA 2016, categoria Novo Autor Fluminense, promovido pela Fundação Cesgranrio e pela Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro

Revisão
Alberto Almeida

Diagramação
Editora Garamond

Capa
Estúdio Garamond
Sobre foto de Caio Meira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L471a
Leal, Izabela
A intrusa / Izabela Leal. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Garamond, 2016.
76 p. ; 21 cm.

ISBN 978-85-7617-440-0

1. Ficção brasileira. I. Título.

16-37278

CDD: 869.3
CDU: 821.134.3(81)-3

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Ela virá dos mares como as perdidas aventuras

Paulo Plínio Abreu

Tenho de inventar a minha vida verdadeira

Herberto Helder

Todas as vozes, a voz

Respire

Antes de se lançar na leitura de mais um livro, caro leitor, preste atenção: *a intrusa*, de Izabela Leal, é imprevisível e há de perturbar alguns de seus leitores. Perturbar? Este livro, denso, desconcertante pela sua brevidade, tem a leveza de uma guirlanda entregue ao vento. E esta não é a única imagem que poderia aludir à composição do livro, que exige que o leitor o manipule como um móbile, um caleidoscópio, contando também com a página em branco. Não se avança sem movimento, não há variação senão no que se repete e no que se rearranja. Tudo aqui é metonimicamente trançado, os dizeres se confundem, os saberes e o não saber também, tudo é abafado e dito... gritado? Haja fôlego. Cuidado, respire, todo ar é pouco para dar vida e movimento ao que vai acontecer.

Ninguém poderia dizer, sem injustiça, que o livro de Izabela Leal é sem pé nem cabeça: nele, ao contrário, tudo é cabeça e pé, começo e fim, ao mesmo tempo e vice-versa. O meio é a própria linguagem, a se desfazer e refazer, tudo é invisível e visível, metafórico e narrativo, dentro e fora. O meio é voz. E pele. Caro leitor, pode interromper, seccionar, se deter em um fragmento, relê-lo. Isole um pedaço do todo, verá que funciona por si só, ao mesmo tempo em que remete ao todo. São 72 páginas, dentre

as quais 44 “cenas”, algumas “considerações”, pronunciamentos de um “coro” e indicações cênicas, a compor esse texto-enigma. A narradora embaralha as pistas. Troca de pele. Agora é que são elas? Enigma não estático, ao contrário, a voz da narradora também se metamorfoseia, escapa, e o leitor vai se dando conta que este livro é, sem sê-lo, romance policial ou tragédia grega, busca vã de uma identidade, marca enunciativa da não pessoa.

Escute

Quem é a personagem “ela” que a voz da narradora faz aparecer e desaparecer, *à sa guise*, misteriosamente? A intrusa como motor da escrita? Motor e não origem. Voz, pele... sinais de um enigma : quem é? De onde vem? O que é isso? Quem escreve? Abstração e concretude. Associação, pouco livre, até a dissociação.

Receber a intrusa. Desmembrar o corpo, trocar de pele, de pronome, de gênero. É poema? É teatro, romance policial, diário, crônica? Quem já leu pode dizer que a pergunta não procede. É livro-corpo que se nutre da frequência das cidades, do anonimato, da reflexividade da linguagem, do enlouquecimento dos pronomes, que sente, vê, traduz, pensa, escreve.

Silencie

O silêncio habita a casa, habita o tempo, ou melhor, veste-o como uma pele, para retomar um dos temas recorrentes. Casa, casca, eu-corpo, em todo caso: espaço a ser compartilhado.

A sobriedade no uso dos nomes próprios – descartes, hilda, evgen bavcar, norm larsen, chantal akerman, além dos dois rolands

e das brontês – contrasta com o modo como são nomeados os personagens lembrados: o dramaturgo, o psiquiatra, o crítico, o guru de um amigo, a vizinha, a cartomante, a enfermeira, a mãe de alguém...

Os personagens, como o tempo cronológico, como o eu, perdem seu poder de unificar, entra a intrusa, que dissemina. Presença imposta, ausência aceita? Pura exterioridade e, ao mesmo tempo, possessão. Aqui se nomeia, se designa, se considera, se dá receitas, se vai ao médico, se toma aspirina, sem contudo curar-se do incômodo, sem perder a esportiva. O prosaico está aí, caro leitor, sem se conformar à norma. Afinal, “quem não arrisca não petisca. viver com ela sempre foi perigoso”. Alguém disse e calou.

Silêncio e ponto cego da escrita como se diz umbigo do sonho. Não se intimide. Tudo são fluxos, vozes, dutos... é só traduzir. Sem pé e sem cabeça, quem sabe, fazer um meio que diga de um fora. A vida, só ela, não tem receita.

Ana Alencar

Dramatis personae: *Ela e Eu.*

Um apartamento pequeno, quarto, sala, banheiro, cozinha. Uma sacada.

Móveis antigos, decoração simples.

Coro:

A literatura está repleta de decisões absolutórias proferidas em casos em que o réu havia confessado, mas o teor da confissão não estava confirmado pelo exame de corpo de delito, ou porque esse inexistisse ou porque o desautorizasse.

Cena 1: No início.

isto não é um diário. não vou escrever minhas memórias nem testemunhar a época em que vivemos juntas. não se trata de confissão. seria antes uma performance curvatura do corpo apresentação da voz. pego um caderno rasgo páginas. suspeito de tudo principalmente dela. ouço ruídos vejo vultos escuto passos. há histórias de loucura nas mulheres da minha família trocam de pele feito cobra. não quero tirar conclusões fazer relatório instaurar processo. anoto rasuro jogo fora. corto sem pudor. aprendi com ela. rabisco. não quero dar bandeira levantar suspeitas. conheci vários tipos de gente ela não era catalogável. uma voz estranha sem melodia. às vezes falava devagar outras acelerava engolia sílabas vomitava frases. conheci vários tipos de gente. certa vez encontrei um sujeito que falava na primeira pessoa do plural. dizia ter muitos companheiros e passear com eles por campos imaginados. ela ficou visivelmente interessada. conversamos na casa de uma amiga. era um cara esquisito. estudava com um guru as artes do desaparecimento. por fim matou o próprio mestre e sobre isso escreveu várias cartas algumas notas e um depoimento. não sei dizer se desapareceu.